

## ENTRE A REVOLUÇÃO E SEU TESOURO PERDIDO: BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Antônio Batista Fernandes<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise da relação entre as revoluções modernas e seu tesouro perdido a partir do pensamento de Hannah Arendt. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico principal a obra *Sobre a Revolução* (1963), texto onde Hannah Arendt busca lançar alguns fios de esperança diante da envergadura das revoluções setecentistas. Nosso problema principal consiste em compreender o fenômeno revolucionário, não apenas como acontecimento histórico, mas, sobretudo como evento político, bem como perceber como os sistemas de conselhos, tesouro perdido das revoluções, representam para nossa autora um sistema capaz de garantir à participação direta dos indivíduos no governo, por meio da criação de um espaço destinado à liberdade e ao aparecimento da ação política.

**Palavras Chave:** Hannah Arendt. Revolução. Tesouro perdido. Política. Liberdade.

**Abstract:** The present paper aims to make an analysis of the relation between the modern revolutions and its lost treasure through Hannah Arendt's thinking. Therefore, we use as main theoretical background the work *On revolution* (1963) in which Hannah Arendt tries to show hope before the relevance of the revolutions in the 70's. Our main question consists in comprehend the revolutionary phenomenon, not only as a historical, but as a political event mainly, as well as to realize how the council systems, lost treasure of the revolutions, represent to the author a system able to guarantee the individuals' direct participation in the government, through the creation of a space designed to freedom and to the advent of political action.

**Keywords:** Hannah Arendt. Revolution. Lost treasure. Politics. Freedom.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) Ceará-Brasil. Professor do Curso de Filosofia da Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS) Quixadá-Brasil. E-mail: tonybf@bol.com.br.

## Introdução

Hannah Arendt é uma autora que dedicou a maior parte de seus escritos à compreensão do fenômeno político, tendo se aprofundado a análise dos acontecimentos que marcaram a modernidade e a contemporaneidade, com destaque para as revoluções modernas e para os horrores protagonizados pelas experiências totalitárias do nazismo e do stalinismo. Assim sendo, podemos afirmar que se encontra arraigado em seu pensamento à proposta de elaboração de uma teoria política e que as revoluções constituem parte importante desse projeto<sup>2</sup>.

Entendemos que o ponto de partida de Hannah Arendt para a compreensão da política passa necessariamente por uma análise da envergadura das revoluções que ocorreram entre os séculos XVIII e XX, caminho pelo qual se torna possível entender o significado político de tais eventos e o modo como sua aparição pode representar um momento de redescoberta da liberdade pública e de felicidade pública. A compreensão de Hannah Arendt das revoluções pressupõe o resgate das experiências que tornaram possível o aparecimento de um espaço destinado à ação política, isto é, o surgimento dos sistemas de conselhos os quais, na visão da autora, se configuraram como o tesouro perdido das revoluções setecentistas.

A novidade apresentada por Arendt na análise do fenômeno revolucionário consiste no fato de que para a autora as revoluções apareceram no campo da política como eventos únicos, capazes de nos colocar de maneira radical diante do problema do início e de sua irreversibilidade. Segundo Wellmer (2000), o principal propósito da autora é mostrar o que é realmente revolucionário nas revoluções, isto é, a possibilidade real da constituição da liberdade, fenômeno que não havia sido percebido pelos próprios homens da revolução, e que havia sido esquecido por muitos de seus teóricos.

Desse modo, dividiremos nosso artigo em dois momentos próximos: primeiro, analisaremos o significado e importância das revoluções para o resgate da ação política enquanto evento que criar um espaço efetivo de participação política dos indivíduos; segundo, lançaremos um olhar sobre o tesouro perdido de todas as revoluções, a saber, os sistemas de conselhos e a possibilidade real de constituição da liberdade e fundação de um novo corpo político. Assim, tentaremos de forma preliminar destacar o significado e a importância que as revoluções ocupam no pensamento político de Hannah Arendt.

---

<sup>2</sup> Hannah Arendt ressalta, no primeiro capítulo de *Sobre a Revolução* que, “as revoluções são os únicos eventos políticos em que nos colocamos diante do problema dos inícios de uma maneira frontal e inescapável. Pois as revoluções, como quer que queiramos defini-las, não são meras mudanças” (2011, p. 47).

## O significado do fenômeno revolucionário

De acordo com Hannah Arendt, só podemos entender o que de fato é uma revolução se “voltarmos para aqueles momentos históricos em que a revolução fez sua aparição completa, ou seja, assumiu uma espécie de forma definitiva e começou a lançar seu fascínio na mente dos homens” (1973, p. 44). A palavra revolução nem sempre foi usada para designar eventos históricos, originalmente tratava-se de um termo astronômico utilizado por Copérnico no campo das ciências naturais, com o objetivo de designar o movimento dos astros em suas orbitas. Segundo Arendt (2011), sua entrada no campo dos eventos humanos deu-se primeiro como metáfora ao se referir a um movimento eterno, irresistível e recorrente.

A importância que as Revoluções modernas ocupam na obra de Hannah Arendt só pode ser percebida a partir do exame dos eventos políticos acontecidos no verão da Filadélfia em 1776, no contexto da Revolução Americana; no verão de Paris em 1789, no romper da Revolução Francesa; e, no século XX, através da agitação generalizada em fevereiro de 1917 em Petrogrado, originando a Revolução Russa e o levante estudantil de Budapeste em 1956, possibilitando a eclosão da Revolução Húngara, ambas impulsionadas pela ação e pelo desejo de liberdade que se manifesta sempre na ação conjunta dos homens<sup>3</sup>.

Para Hannah Arendt, o que as Revoluções demonstraram foi à capacidade dos homens para a novidade, expressa por meio do surgimento dos sistemas de conselhos, que nunca “apareceram como resultado de uma tradição ou teoria revolucionária consciente, mas de um modo totalmente espontâneo; cada vez como se nunca tivesse havido nada semelhante antes” (2008, p. 199). Nessa direção, o fenômeno revolucionário na obra arendtiana é fundamental para estabelecer a relação entre novidade e liberdade como fundamentos da experiência política.

A proposta de nossa autora na compreensão desse fenômeno consiste no fato de que as revoluções aparecem no campo da política como eventos únicos, capazes de nos colocar de maneira radical diante do problema do início e de sua irreversibilidade. O problema principal da autora não consiste em entender esses eventos apenas sobre a perspectiva histórica<sup>4</sup>, mas,

---

<sup>3</sup> De acordo com Hannah Arendt (2011), a experiência da Revolução de fevereiro de 1917 na Rússia e a Revolução Húngara de 1956 foram o suficiente para mostrar como funcionaria uma república caso se fundasse sobre os princípios do sistema de conselhos.

<sup>4</sup> Para uma maior compreensão da questão revolucionária numa perspectiva histórica, ver: HOBSBAWM, Eric. *A era das Revoluções*. 33ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

principalmente como gérmen que torna possível o espaço de aparecimento da liberdade pública e da fundação de um corpo político ancorado na experiência de um novo início.

O que as revoluções sempre representaram foi à possibilidade da criação de uma nova forma de Estado, que não estivesse fundada em nenhuma forma preestabelecida de organização, mas no desejo de liberdade que impulsiona a ação política<sup>5</sup>. O principal propósito das revoluções sempre foi o nascimento da liberdade, não apenas no sentido de *liberties*, que configura a conquista de direitos civis num governo constitucional, mas, sobretudo, no sentido político, que surge principalmente em épocas de crise e de revolução, garantindo o significado da vida política a partir do aparecimento da ação.

A questão sustentada por Arendt é que as revoluções sempre estiveram relacionadas com duas realidades: de um lado a libertação como necessária à ausência de restrições; de outro a liberdade, como modo político de vida<sup>6</sup>. Segundo Garcia, um dos principais problemas existentes entre os revolucionários era a incapacidade de “distinguir entre os assuntos da liberdade dos assuntos da libertação, ou seja, de considerar que a riqueza e o bem estar econômico pouco tem a ver com a felicidade pública e com os frutos da liberdade” (2010, p. 52).

Para Jonh Jay , citado por Arendt, a maior parte dos homens das revoluções setecentistas só conseguiram descobrir os encantos da liberdade durante o processo de libertação. Afirma Arendt,

Foram suas ações e realizações, exigidas pela libertação, que os lançaram aos assuntos públicos, onde começaram a construir de maneira deliberada ou, na maioria das vezes, inesperada aquele espaço de aparecimento onde a liberdade pode exibir seus encantos e se converter numa realidade tangível. Como eles não estavam minimamente preparados para tais encantos, dificilmente se poderia esperar que tivessem plena consciência do novo fenômeno. (2011, p. 62).

---

<sup>5</sup> De acordo com Pancera, a noção arendtiana de revolução “vai além da mera quebra dos quadros conceitual e valorativos constituídos, para pensar a ação como instituinte, como criadora de algo novo, ação que tem na sua base essa nova concepção de poder que Arendt formula.” (2013, p. 145).

<sup>6</sup> Ao propor a relação entre liberdade e libertação Hannah Arendt tem o propósito claro de estabelecer a diferença entre liberdade negativa e liberdade positiva. Assim, a autora utiliza dois termos para diferenciar essas liberdades: o termo *liberty*, que podemos traduzir por liberação, permissão ou libertação, sentido adotado pela autora; e o termo *freedom*, que podemos traduzir por liberdade de agir, de fazer, de expressão. Arendt utiliza o termo *liberty* para se referir a liberdade no sentido negativo, que expressa à intenção de liberdade contida na libertação. Enquanto usa o termo *freedom*, para manifestar seu sentido positivo, enquanto liberdade política, que se refere à participação nos assuntos públicos ou a admissão na esfera pública. (Cf. ARENDT, 2011, p. 61). Para uma maior aprofundamento dos termos utilizado por Arendt para se referir a liberdade negativa e liberdade positiva, ver: DUARTE, André. *O Pensamento à Sombra da Ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 271.

Dessa forma, foi à experiência da liberdade, enquanto realidade nova vivenciada pelos homens das revoluções, aliada a novidade do evento em si, que constituíram o *páthos* das revoluções modernas, portanto, é somente nessas circunstâncias que podemos falar de revolução. Assim, o que as revoluções modernas ensinaram aos homens de seu tempo foi que a experiência de ser livre é realmente possível, atestando que o novo pode sempre surgir a partir de uma interrupção do curso linear e contínuo da história.

### **O tesouro perdido das revoluções**

Ao iniciar o capítulo sobre *A tradição revolucionária e seu tesouro perdido*, último capítulo de *Sobre a Revolução*, Arendt se utiliza do aforismo poético de René Char<sup>7</sup> “notre héritage n’est précédé d’aucun testament” (1973, p. 215), para se referir à herança deixada pela tradição revolucionária sem ser precedida por nenhum testamento. Tal herança ou tesouro representa o recebimento de uma dádiva desprovida de um nome, e de sua impossibilidade de ser transmitida às gerações futuras sobre a forma de herança.

O tesouro que foi pedido nas revoluções significava o nascimento de uma forma inteiramente nova de governo, o surgimento dos sistemas de conselhos e o aparecer da felicidade pública para os americanos e da liberdade pública para os franceses. Segundo Correia, para nossa autora, é importante perceber a incapacidade dos homens das revoluções para conservar e transmitir a herança recebida, que constituiu o principal fracasso das revoluções, pois não conseguiram “converter em forma de governo a experiência dos sistemas de conselhos” (2014, p. 206).

Para Arendt (2011), o espírito revolucionário que nasceu das revoluções foi sendo posteriormente esquecido no momento em que as revoluções falharam em lhe fornecer uma instituição duradora. A fundação da república não representou para os homens da revolução o surgimento de um espaço que permitisse o aparecimento da liberdade pública e da felicidade pública. Assim, como a própria Arendt frisa em uma menção a Jefferson, “a revolução tinha dado liberdade ao povo, mas falhara em fornecer um espaço onde se pudesse exercer essa liberdade” (2011, p.297).

---

<sup>7</sup> Hannah Arendt vai utilizar o mesmo aforismo no prefácio de *Between Past and Future*, com o mesmo propósito, de se referir a um tesouro sem nome, que representa a herança perdida das revoluções. “Does something exist, not in outer space but in the world and the affairs of men on earth, which has not even a name?” (ARENDR, 1993, p. 5).

Segundo a autora, o que restou nos Estados Unidos após a perda do espírito revolucionário, “foram as liberdades civis, o bem-estar individual da maioria e a opinião pública como força a governar uma sociedade democrática e igualitária” (2011, p. 282). No caso da Revolução Francesa, esse espírito foi perdido no próprio curso da revolução, na incapacidade de fundação de um novo corpo político, e, sobretudo na invasão das forças da escassez e da necessidade na esfera pública. Portanto, o espírito revolucionário que nasceu do desejo moderno de instaurar um novo mundo, onde a forma de governo republicano se tornaria desejável, foi aos poucos sendo perdido pelas revoluções. Dessa maneira afirma Arendt,

[...] se a fundação era o objetivo e o fim da revolução, então o espírito não era apenas o espírito de iniciar algo novo, e sim o de começar algo permanente e sólido; uma instituição duradoura, encarnando e incentivando esse espírito a novas realizações, seria autodestrutiva (2011, p. 294).

O espírito revolucionário começou a ser perdido quando as revoluções não conseguiram instituir uma nova forma de governo que permitisse a cada membro da sociedade se tornar um participante dos assuntos públicos, como aconteceu por meio dos sistemas de conselhos em todas as revoluções. Arendt defende que todos os levantes revolucionários tinham como propósito primordial o desenvolvimento de nova forma de governo e “esta nova forma de governo é o sistema de conselho” (2008, p. 199).

Em todas as revoluções sempre apareceram sistemas de conselhos, eles entraram em conflito com a proposta dos revolucionários profissionais, indivíduos que não tinham participado ativamente do processo revolucionário, mas tinham bastante influência sobre o curso a ser tomado pela revolução. Os revolucionários profissionais mantinham o desejo de subir ao poder depois da revolução estourada e, mais ainda, não defendiam o surgimento de uma nova forma de governo, apenas a imitação de formas passadas, o que se encontra em conflito com o desejo dos conselhos, pautados pela inauguração de uma nova forma de governo que garante a participação efetiva dos cidadãos nas decisões políticas.

Por outro lado, também em conflito com os interesses dos sistemas de conselhos estão os sistemas partidários. Embora ambos os sistemas sejam contemporâneos, segundo Arendt, “ambos eram desconhecidos antes das revoluções e ambos são consequência do postulado moderno e revolucionário de que todos os habitantes de um determinado território têm o direito a ser admitidos à esfera política pública” (2011, p. 339), mesmo assim, conselhos e sistemas partidários têm muito pouco ou quase nada em comum. A distinção entre os

conselhos e os partidos está no fato de que os conselhos “sempre surgiram durante a própria revolução e brotaram do povo como órgãos espontâneos da ação política” (ARENDR, 2011, p. 339). Enquanto os partidos, além de não terem surgido durante a revolução, não tem sua origem no povo, tendo se desenvolvido a partir da ampliação do voto popular indicando candidatos para cargos eletivos.

O conflito entre conselhos e partidos nas revoluções terminou sempre garantindo a vitória dos segundos em detrimento dos primeiros, tornando os conselhos apenas instrumentos da luta revolucionária. Com efeito, foi justamente porque os conselhos representavam o novo começo, através da ação e da participação dos indivíduos nos assuntos públicos, que se tornaram tão importantes para Hannah Arendt. Nessa direção, a experiência da Revolução Russa e, principalmente da Revolução Húngara, são fundamentais para a autora, pois tais experiências duraram o suficiente para mostrar como seria um governo e como funcionaria uma república fundada sobre os princípios dos sistemas de conselhos.

No caso da Revolução Húngara, Arendt ressalta que simultâneos ao estourar da revolução surgiram Conselhos Revolucionários e Conselhos de Trabalhadores, dando aos indivíduos o poder de decidir sobre suas principais questões políticas, sem que necessitassem de governo, isto é, de programas partidários que impusessem de cima para baixo a maneira correta de agir. Para Hannah Arendt, “os Conselhos Revolucionários cumprem funções fundamentalmente políticas, enquanto que se supunha que os Conselhos de Trabalhadores se ocupam da vida econômica” (2007, p. 99).

Nossa autora tem o cuidado de diferenciar os Conselhos Revolucionários dos Conselhos de Trabalhadores, dando mais ênfase aos primeiros, pois, segundo Avritzer, são “uma resposta à tirania política e, ao mesmo tempo, uma alternativa a um sistema representativo baseado em facções” (2007, p. 163). Já os segundos, serviam apenas como formas de reação aos sindicatos que não representavam verdadeiramente os trabalhadores, estando preocupados apenas com a incorporação da classe trabalhadora na sociedade.

Arendt defende que “os conselhos são a única alternativa democrática que conhecemos ao sistema de partidos” (2007, p.101). Os conselhos são a única forma encontrada pela autora para a efetivação da ação e da liberdade política<sup>8</sup>. Por meio dos conselhos, Hannah Arendt busca romper com as barreiras da democracia representativa na modernidade, garantindo assim, a participação efetiva dos indivíduos nas questões políticas,

---

<sup>8</sup> O conceito de ação em Arendt “articula-se com a ideia de conselhos entendidos não como alternativa à representação e sim como alternativa à concepção exclusiva da representação que torna os partidos a única forma de mediação política”. (AVRITZER, 2007, p. 165).

de modo que “o surgimento dos conselhos [...] foi o signo claro de um autêntico brotar da democracia frente à ditadura, da liberdade frente à tirania” (ARENDDT, 2007, p. 104). O que Arendt vislumbrava nos sistemas de conselhos era a possibilidade da garantia de participação direta de todos os cidadãos no governo (Cf. MULDOON, 2011, p. 403).

O tesouro das revoluções é o aparecimento do sistema de conselhos, que tornou possível a experiência da felicidade pública e da liberdade pública nas Revoluções Americana e Francesa, sendo a pérola que os revolucionários descobriram e que aos poucos foi sendo submersa pelas burocracias estatais e pelas máquinas partidárias. Arendt defende que os sistemas de conselhos são “a única alternativa que já apareceu na história [...] um princípio de organização completamente diferente, que começa de baixo, continua para cima e afinal leva a um parlamento” (2008, p. 200).

Os conselhos enquanto organização espontânea do povo, apareceram em todas as revoluções e sempre nasceram do desejo dos homens de atuarem politicamente, de fundarem novos corpos políticos. Portanto, nas palavras de Arendt, os conselhos que são o tesouro perdido das revoluções, aparecem sempre sobre a voz dos homens que exclamam: “Queremos participar, queremos debater, queremos que nossas vozes sejam ouvidas em público, e queremos ter uma possibilidade de determinar o curso político de nosso país” (2008, p. 200).

### **Considerações finais**

Nossa pretensão com esse artigo, como já mencionado a princípio, foi apenas destacar a centralidade das revoluções para compreensão da teoria política de Hannah Arendt, sugerindo a título de hipótese que o sistema de conselhos defendidos pela autora representa uma nova estrutura de poder ao criar um espaço institucional que possibilita o aparecimento da liberdade e o exercício da ação política.

Para nossa autora, a ação política que se dá sempre no espaço da pluralidade dos homens, é fruto do agir conjunto dos homens e fonte de onde se origina todo o poder (Cf. ARENDT, 2006, p. 532). É, portanto, somente por meio da pluralidade que os homens manifestam sua capacidade de ação e de discurso, tornando possível seu aparecimento aos demais homens e sua entrada num mundo verdadeiramente humano. Nesse sentido, foram a experiência das revoluções, e em especial os sistemas de conselhos, que tinham como fim último “a liberdade e constituição de um espaço público onde a liberdade fizesse sua aparição” (ARENDDT, 2011, p. 320), que se tornaram referência para Hannah Arendt.

Quanto às revoluções, foi na Revolução Húngara e em especial em seus sistemas de conselhos populares que nossa autora encontrou um momento real de efetivação da ação política. Logo, os sistemas de conselhos refletem uma proposta alternativa de Hannah Arendt frente à democracia liberal e a “um modelo de soberania política centrado em um governo de estado como portador do poder soberano” (MULDOON, p. 410). A proposta de Arendt é, sobretudo, “a possibilidade de se formar um novo conceito de estado. Um estado-conselho [...], para o qual o princípio de soberania fosse totalmente discrepante” (2008, p. 201), embora a própria Arendt assuma que tal realidade talvez só seja possível “no enalço da próxima revolução” (2008, p. 201).

## Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *Between past and future*. New York: Penguin Books, 1993.

\_\_\_\_\_. *Crises da república*. Trad. Br.: José Volkmann. 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. *Diario filosófico 1950-1973*. Trad. Raúl Gabás. Barcelona: Herder, 2006.

\_\_\_\_\_. *Karl Marx y la tradición Del pensamiento político occidental: reflexiones sobre La revolución húngara*. Madrid: Encuentro, 2007.

\_\_\_\_\_. *On Revolution*. New York: Penguin Books, 1973.

\_\_\_\_\_. *Sobre a revolução*. Trad. Br. de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

AVRITZER, Leonardo. Ação, Fundação e Autoridade em Hannah Arendt. *Lua Nova*, São Paulo, n. 68, p.147-167, 2007.

CORREIA, Adriano. *Hannah Arendt e a modernidade: política, economia e a disputa por uma fronteira*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

DUARTE, André. *O Pensamento à Sombra da Ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GARCIA, Claudio Boeira. ARENDT: revolução e constituição da liberdade. In: SILVIERO, Iltomar; ROSIN, Nilva (Orgs). *Hannah Arendt: diversas leituras*. Passo Fundo: IFIBE, 2010.  
HOBSBAWM, Eric. *A era das Revoluções*. Trad. Maria Teresa Teixeira e Marcos Penchel. 33ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MULDOON, James. The Lost Treasure of Arendt's Council System. *Critical Horizons*, 12.3, p. 396-417, 2011.

PANCERA, Carlo Gabriel Kszab. Arendt e Maquiavel: fundação, violência e poder no pensamento republicano. *Argumentos: Revista de Filosofia*, Fortaleza, ano 5, n. 9, p. 140-153, 2013.

WELLMER, Albrecht. Arendt on revolution. In: Dana Villa (org). *The Cambridge Companion to Hannah Arendt*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.